

## ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO SOBRE HANSENÍASE: ANÁLISE DE CASOS NOTIFICADOS E A INFLUÊNCIA DO COVID-19 NO PERÍODO PRÉ E PÓS PANDEMIA

Epidemiological study on leprosy analysis of notified cases and the influence of COVID-19 in the pre and post pandemic period

Estudio epidemiológico sobre lepra: análisis de casos notificados e influencia del COVID-19 en el periodo pre y post pandemia

**Matheus Galvão dos Santos<sup>1</sup>,  
Rubens Griep<sup>2</sup>,  
André Luiz Batista<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Atualmente há ainda um alto índice de diagnósticos de hanseníase no Brasil, apresentando o segundo maior número de casos no mundo, sendo considerado um importante problema de saúde pública no país. Além do desafio de reduzir o número de casos de hanseníase, nos últimos 3 anos o mundo vem enfrentando a grande pandemia de COVID-19, a qual contribuiu para um grande colapso do sistema de saúde, afetando o acompanhamento e tratamento de diversas outras doenças relevantes, principalmente em território nacional. O artigo a seguir tem como objetivo analisar a notificação de casos de hanseníase realizados na 10<sup>a</sup> Regional de Saúde e a influência que a pandemia teve sobre tal processo, buscando compreender se houve ou não uma subnotificação de novos portadores. Trata-se de um estudo epidemiológico longitudinal descritivo, abordando de forma quantitativa dados fornecidos no DATASUS, analisando as notificações de hanseníase no geral, e também de forma separada conforme idade, sexo, raça e tipo de desfecho.

1

**Palavras-chave:** Hanseníase. Covid-19. Saúde pública.

**ABSTRACT:** Currently, there is still a high rate of leprosy diagnoses in Brazil, with the second highest number of cases in the world, being considered an important public health problem in the country. In addition to the challenge of reducing the number of leprosy cases, in the last 3 years the world has been facing a major COVID-19 pandemic, which contributed to a major collapse of the health system, affecting the monitoring and treatment of several other relevant diseases, mainly in the national territory. The following article aims to analyze the notification of leprosy cases carried out in the 10th Health Region and the influence that the pandemic had on this process, seeking to understand whether or not there was underreporting of new carriers. This is a descriptive longitudinal epidemiological study, quantitatively addressing data provided in DATASUS, analyzing leprosy notifications in general, and also separately according to age, gender, race and type of outcome.

**Keywords:** Leprosy; Covid-19; Public health.

<sup>1</sup> Acadêmico de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: matheusgalvao159@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Saúde Coletiva, Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: rgriep@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Medicina do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Médico de Família e Comunidade. E-mail: andrebatistapg@gmail.com.

**Resumen:** Actualmente, todavía existe una alta tasa de diagnósticos de lepra en Brasil, con el segundo mayor número de casos en el mundo, siendo considerado un importante problema de salud pública en el país. Además del desafío de reducir el número de casos de lepra, en los últimos 3 años el mundo ha estado enfrentando la gran pandemia del COVID-19, que contribuyó a un gran colapso del sistema de salud, afectando el seguimiento y tratamiento de varios otros relevantes. enfermedades., principalmente en el territorio nacional. El siguiente artículo tiene como objetivo analizar la notificación de casos de lepra realizada en la 10ª Región de Salud y la influencia que tuvo la pandemia en ese proceso, buscando comprender si hubo o no subregistro de nuevos portadores. Se trata de un estudio epidemiológico longitudinal descriptivo, abordando cuantitativamente los datos proporcionados en DATASUS, analizando las notificaciones de lepra en general, y también por separado según edad, sexo, raza y tipo de desenlace.

**Palabras clave:** Lepra; Covid-19; Salud pública.

## INTRODUÇÃO

A hanseníase é conhecida e considerada um problema de saúde pública no mundo todo, sendo uma doença que pode gerar graves complicações para a população e, o Brasil, está entre os principais países com maior número de casos confirmados. Ainda que esses números sejam altos, há dúvidas se durante a pandemia de COVID-19 houve interferência no processo de identificação de novos casos, gerando um período de subdiagnóstico e/ou subnotificação, visto que diversas medidas de isolamento foram tomadas a fim de evitar a disseminação da doença e, dessa forma, houve uma menor preocupação por parte da população e do próprio sistema de saúde quanto a outras enfermidades que não fosse a própria COVID-19, pois houve uma lotação de leitos de todos os serviços devido à pessoas infectadas pelo vírus, deixando um pouco de lado as demais doenças.

Levando em consideração que a hanseníase ainda é uma doença muito prevalente no território brasileiro e que há uma dificuldade do sistema público em adotar políticas para controle da doença, é fundamental que se tenha conhecimento do número real da população portadora de hanseníase, para que o serviço de saúde continue a atuar na redução de casos e dimensione os recursos apropriados para o controle dessa patologia muito incidente. Mesmo que a pandemia tenha sido um período de muitos desafios, é importante que se faça a análise do mesmo, além dos anos anteriores e após a pandemia também, para que se possa reconhecer uma eventual subnotificação de casos.

Diante desse cenário, o artigo visa avaliar os números de casos de hanseníase durante um período de 5 anos – incluindo os anos de pandemia de COVID-19, para observar se houve ou não subnotificações de casos durante a pandemia, quando comparado com os anos anteriores, verificando por meio da variação de notificações por ano.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico longitudinal descritivo, a partir da coleta de dados do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), com o objetivo de analisar as notificações de hanseníase e a interferência ou não do período de pandemia no levantamento desses dados. Não foi necessário a tramitação no Comitê de Ética, devido ao fato de ter sido utilizados dados públicos de Sistema de Informações oficiais.

No estudo, foi determinado o período de 2016 à 2021 para a análise da frequência de casos notificados, onde foi incluso registros segundo faixa etária, raça, sexo e tipo de saída (desfecho). Os dados coletados foram organizados em tabelas, com os registros citados acima dos municípios vinculados a 10ª Regional de Saúde no Paraná, ordenados conforme o ano das coletas, para uma melhor análise da variação do número de com o passar dos anos no período determinado.

## RESULTADOS

Baseado nos dados coletados de 2016 à 2021, pode se notar que a faixa etária mais afetada foi entre 50-59 anos (62 casos), seguido da faixa de 40-49 anos (43 casos), concluindo que a população adulta de média idade é a mais afetada. (Tabela 1).

**Tabela 1** – Frequência de casos de Hanseníase na 10ª Regional de Saúde, por faixa etária, n=232. Cascavel-PR, 2022.

| Faixa Etária   | Número de casos |
|----------------|-----------------|
| 5 a 9 anos     | 2               |
| 10 a 14 anos   | 2               |
| 15 a 19 anos   | 7               |
| 20 a 29 anos   | 18              |
| 30 a 39 anos   | 30              |
| 40 a 49 anos   | 43              |
| 50 a 59 anos   | 62              |
| 60 a 69 anos   | 40              |
| 70 a 79 anos   | 22              |
| 80 anos e mais | 6               |

**Fonte:** DOS SANTOS MG, et al., 2023; dados extraídos de DATASUS.

Do total de 232 casos registrados no período, o sexo masculino foi o que mais apresentou infectados, com 140 casos comparado aos 92 em mulheres. (Tabela 2).

**Tabela 2 –** Frequência de casos por sexo, n=232. Cascavel-PR, 2022.

| Sexo      | Número de casos |
|-----------|-----------------|
| Masculino | 140             |
| Feminino  | 92              |

**Fonte:** DOS SANTOS MG, et al., 2023; dados extraídos de DATASUS.

Analizando os casos separados por raça, a prevalência é muito maior na raça branca (147 casos) e parda (71 casos), sendo as raças preta e amarela as menos prevalentes, visto que a predominância populacional na região é de etnia caucasiana. (Tabela 3).

**Tabela 3 –** Frequência de casos por raça, n=232. Cascavel-PR, 2022.

| Raça    | Número de casos |
|---------|-----------------|
| Branca  | 147             |
| Preta   | 13              |
| Amarela | 1               |
| Parda   | 71              |

**Fonte:** DOS SANTOS MG, et al., 2023; dados extraídos de DATASUS.

4

Foi verificado que 196 dos 232 casos evoluíram com cura, 10 casos não foram preenchidos de forma correta, 8 casos foram transferidos para outro município, 6 casos foram transferidos para outro estado, 6 casos evoluíram com óbito, 4 casos tiveram o desfecho determinado como abandono (relacionado à duração de tratamento – até 12 meses – e aos aspectos sociais próprios da doença) e apenas 2 casos foram determinados como erro no diagnóstico. (Tabela 4).

**Tabela 4 –** Frequência de casos de Hanseníase por tipo de saída, n=232. Cascavel-PR, 2022.

| Desfecho                           | Número de casos |
|------------------------------------|-----------------|
| Não preenchido                     | 10              |
| Cura                               | 196             |
| Transferência para outro município | 8               |
| Transferência para outro estado    | 6               |
| Óbito                              | 6               |
| Abandono                           | 4               |
| Erro diagnóstico                   | 2               |

**Fonte:** DOS SANTOS MG, et al., 2023; dados extraídos de DATASUS.

Pelos dados obtidos no DATASUS, verifica-se que houve pouca variação no número de notificações por ano, desde 2016 até 2021, sendo que em 2019 foi o ano com mais casos notificados e, 2020, que foi o ano em que chegou a COVID-19 ao Brasil, teve um menor número, comparado ao ano anterior, mas relativamente normal quando analisado de forma geral o período analisado pelo artigo.

## DISCUSSÃO

Baseado no levantamento de dados disponível pelo DATASUS, conclui-se que a população adulta de média idade é a mais afetada. Já a população jovem (até os 19 anos) e de idosos com 80 anos ou mais são os grupos que menos foram afetados pela hanseníase. Dessa forma, podemos analisar que, a população economicamente ativa pertencente a 10ª Regional de Saúde é a mais afetada, o que vale a pena ser levado em consideração para que possa ser feito o planejamento das ações no combate da hanseníase.

Em relação a raça, estudos realizados pela Fiocruz indicam que a população de cor preta/parda são as mais vulneráveis, a possível explicação para que na 10ª Regional de Saúde tenha prevalência de casos em raça branca, é que a própria composição da população da região seja predominantemente branca, levando a um número maior de infectados.

Sabe-se que os homens têm menos cuidado com a saúde, pela própria higiene pessoal, estilo de vida e disciplina – quando se fala em aderir os tratamentos para as comorbidades que venham a apresentar. Já as mulheres têm uma preocupação maior em cuidar da própria saúde, do seu corpo e aderem aos tratamentos de doença mais facilmente quando comparadas aos homens. Essa questão é discutida no artigo de Gomes R, et al. (2007), onde foram entrevistados 28 homens, de grau de escolaridade e formação profissional diferente, em que os próprios homens associam o cuidado ao âmbito feminino, assim como também falam sobre a imagem que se tem do homem, de estar associada à invulnerabilidade, força e virilidade, e, por isso, a busca por serviços de saúde demonstraria sinal de fraqueza, que afetaria a masculinidade.

Diante dos dados expostos, podemos concluir que na 10ª RS houve uma resolução de mais de 80% dos casos durante o período analisado, o que pode ter sido possível devido ao acompanhamento dos quadros infecciosos de toda essa população e tratamento correto promovido pelo sistema de saúde e com boa resposta dos pacientes. Os poucos casos que chegaram ao óbito podem ter sido ocasionados pela falta de resposta ao tratamento, o não acompanhamento correto do curso da doença desses casos, tratamento ineficaz ou pouca adesão do mesmo pelo lado dos pacientes.

Pelos dados obtidos no DATASUS, verifica-se que houve pouca variação no número de notificações por ano, desde 2016 até 2021, sendo que em 2019 foi o ano com mais casos notificados e, 2020, que foi o ano em que chegou a COVID-19 ao Brasil, teve

um menor número, comparado ao ano anterior, mas relativamente normal quando analisado de forma geral o período analisado pelo artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar, por meio de dados fornecidos pelo DATASUS, se houve ou não uma situação de subnotificação de casos de hanseníase e, também, utilizar de diferentes parâmetros para se definir qual o perfil populacional que mais foi infectado pela doença, para que, dessa forma, possam ser decisões mais assertivas quanto ao plano de ação para combater essa doença que é tão prevalente no Brasil. Foram encontrados resultados que demonstram diferença pouco significativa quando se compara o período pré-pandêmico e o de pandemia. Isto aponta que as medidas adotadas na 10ª R.S. para o controle da Hanseníase mantiveram-se com igual efetividade, embora ainda se estime subnotificação e tratamento sub-ótimo dos doentes portadores de Hanseníase, com base na análise de perfil epidemiológico feito por Ferreira et. al (2021), a qual encontrou uma redução de 67% dos casos de 2020 em relação ao ano anterior, com uma concentração maior de casos na região Norte e Nordeste, e menos registros na Sul, o que é reflexo da desigualdade econômica entre tais regiões. Conclui-se então que os esforços dispendidos no controle desta doença negligenciada permanecem tão necessários quanto sempre foram, e que mesmo em tempos de crises sanitárias o seguimento às condições em saúde pode ter semelhante sucesso quanto em uma época habitual, com a adequada organização dos serviços de saúde, sem prejuízo para a necessidade urgente em questão. Trabalhos subsequentes que explorem este tema podem dar respostas a questões que ainda não puderam ser exploradas neste trabalho, em especial devido ao curto espaço de tempo pós-pandemia em que nos situamos. Quais serão as consequências de médio e longo prazos no controle das doenças negligenciadas? Na eventualidade de novos surtos, há capacidade dos serviços de saúde, com a organização atual, em manterem os seus resultados?

## REFERÊNCIAS

1. FERREIRA, Tereza Cristina dos Reis et al. Análise do perfil clínico epidemiológico dos casos de hanseníase no Brasil no período de 2011-2020. Revista CPAQV, vol.13, n.2, 2021.
2. GAMEIRO, Nathália. Resultado de pesquisa da Fiocruz apresenta perfil mais vulnerável à hanseníase no Brasil. Site Fiocruz Brasília, 20 de agosto de 2019.
3. GOMES, Romeu et al. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. Cadernos de Saúde Pública v.23, n.3, março de 2007.

4. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública. Brasília, Distrito Federal, 2016. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Hanseniase>. Acesso em 2 de junho de 2022.
5. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Guia prático sobre a hanseníase. Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_pratico\\_hanseniase.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_hanseniase.pdf). Acesso em 18 de janeiro de 2023.
6. NEGRÃO, Glauco Nonose et al. Variáveis Epidemiológicas Intervenientes na Ocorrência da Hanseníase no Município de Guarapuava, PR. Geografia (Londrina), v.25, n.2, p.110-129, julho/dezembro de 2016.
7. PAZ, Wandklebson Silva et al. Impact of the COVID-19 pandemic on the diagnosis of leprosy in Brazil: An ecological and population-based study. The Lancet Regional Health - Americas, vol.9, maio de 2022.
8. PERNAMBUCO, Marília Lopes et al. Hanseníase no Brasil: ainda mais negligenciada em tempos de pandemia do COVID-19? Revista de Saúde Pública do Paraná, março de 2022.